



ROMÃO, Lucília Maria Sousa. *Exposição do Museu da Língua Portuguesa: arquivo e acontecimento e(m) discurso*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. 236 p.

*Nas exposições literárias do MLP, esse jogo é recorrente, já que os sentidos do literário, fixados na obra de autores notórios da literatura brasileira, deslocam-se e compõem de outro modo, produzem tremores e desarranjos.*  
(p. 222).

Gustavo Grandini **BASTOS \***  
Fernanda Correa Silveira **GALLI \*\***

O livro *Exposição do Museu da Língua Portuguesa: arquivo e acontecimento e(m) discurso* é resultado da pesquisa de Livre-docência em Ciência da Informação da professora Lucília Maria Sousa Romão, do Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEDIC) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), da Universidade de São Paulo (USP). A proposta da obra é apresentar uma reflexão sobre o modo como algumas obras literárias reconhecidas tornaram-se tema de exposição e foram discursivizadas no Museu da Língua Portuguesa (MLP), o que a autora faz com maestria. Articulando os campos teóricos da Análise do Discurso (AD) de filiação francesa e da Ciência da Informação (CI), e

---

\* Mestre (2013) em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Contato: gugrandini@uol.com.br.

\*\* Mestre (2002) em Letras – Filologia e Linguística Portuguesa pela UNESP-Assis. Doutora (2008) em Linguística Aplicada pelo IEL/UNICAMP (2008). Pós-doutora (2012) em Ciência da Informação pela FFCLRP/USP (2012). Atualmente, é professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (Mestrado) da UNIFRAN. Contato: fcsgalli@hotmail.com.

com um olhar peculiar acerca dos movimentos da língua, do discurso, do arquivo, das instalações do MLP, Romão apresenta ao leitor interpretações sobre as ousadias da palavra pela própria palavra, funcionamento que evidencia que o sentido sempre pode vir a ser outro (ORLANDI, 2001).

A obra é estruturada em seis capítulos que, articulados entre si, marcam, com acuidade, as aproximações e singularidades dos campos teóricos – AD e CI – mobilizados. Dentre as muitas exposições temporárias circulantes no MLP, a autora optou por analisar cinco. São elas: “Grande Sertão: Veredas”; “Machado de Assis”; “Cora Coralina: coração do Brasil”; “Gilberto Freyre – o intérprete do Brasil”; e “Clarice Lispector – a hora da estrela”. Observar as relações entre arquivo, discurso, informação e memória nessa instituição – o MLP – é, também, o intuito da professora-pesquisadora na obra em questão. Trabalhar com o enigmático da língua – patrimônio imaterial que agrega e separa os sujeitos, e com a efemeridade das exposições – patrimônio material de caráter temporário, é topar com o que é da ordem do impossível, com o que provoca deslocamentos e produz giros discursivos em espiral “pelo ainda não visto” (p. 23). É isso que faz Romão: escancara o estatuto movente da língua e revela os dizeres muitos que atravessam as exposições.

O primeiro capítulo introduz os leitores ao universo da pesquisa: as motivações, os interesses e objetivos da autora que se propõe a (re)pensar as questões ideológicas e políticas que afetam a constituição da língua, marcando como ela não apenas nos une, mas também nos distancia, segrega. O Museu da Língua Portuguesa e suas exposições são pensados em sua constituição política, na qual sentidos e sujeitos são afetados permanentemente, resultando em uma forma de falar sobre determinada figura de nossa literatura, sendo que outras também são possíveis nesse processo, já que variadas vozes estão em tensão permanente. A escolha de um livro, personagem, objeto, etc., que compõe uma exposição acaba por silenciar infinitas outras possibilidades, o que resulta em compreender que, ao dizer, o sujeito também silencia.

O segundo capítulo tem como foco de discussão as contribuições da Linguística para a Ciência, trazendo questões de interesse de Ferdinand de Saussure no trabalho com a língua e a linguagem. A autora retoma considerações do “Curso de Linguística Geral” de Saussure para discutir o significado, o significante e o signo, para refletir sobre a língua(agem), e para problematizar o caráter científico da língua. Na reflexão acerca dos anagramas, o texto de Romão propicia ao leitor o contato com outro viés do pensamento

e da obra do teórico suíço: para tanto, ela recorre a uma consistente revisão bibliográfica e aponta que Saussure, ao falar do mistério em torno do signo, “abre espaço à radicalidade de que é impossível ter garantias no campo dos sentidos, acenando, assim, a provisoriedade de todo dizer e dos efeitos produzidos por ele” (p. 42). Nesse capítulo, com a análise do signo “mulato” presente na exposição “Machado de Assis”, a autora trabalha com o jogo discursivo envolvendo esse significante.

No terceiro capítulo, a autora contempla as contribuições da AD para a CI, apresentando o entrelaçamento teórico entre essas duas áreas do conhecimento, expondo as possibilidades de enriquecimento científico nesse processo. Nesse capítulo, o leitor encontra os conceitos basilares da AD: as contribuições de Michel Pêcheux, com destaque para as noções de arquivo, discurso, ideologia, memória discursiva e sujeito, as quais são mobilizadas durante o trabalho de análise de um recorte, selecionado por Romão, da exposição “Cora Coralina: coração do Brasil”. A partir de Pêcheux (1997a), a autora destaca que o discurso é efeito – “algo produzido ou que se produz a partir de posições que os interlocutores ocupam na linguagem.” (p. 62) – e, no percurso analítico, marca as variadas posições discursivas de Cora Coralina, desvelando a multiplicidade do sujeito, das muitas posições ocupadas além da de autora.

O quarto capítulo é composto por considerações sobre a teoria do arquivo e a organização da informação no campo da CI e da AD, momento em que a autora discute e revisita os conceitos de arquivo e de memória discursiva que, na sequência, são mobilizados para refletir acerca da estrutura e da disposição do Museu da Língua Portuguesa, mais especificamente da exposição “Gilberto Freyre – o intérprete do Brasil”. Para Romão, os arquivos e as unidades de informação são lugares de poder, dado que a estrutura, montagem e organização desses espaços são afetadas pelas considerações referentes ao ideológico e ao político, o que também interfere na circulação de sentidos. Romão salienta, ainda, a importância de se entender o arquivo além de uma perspectiva física: o arquivo deve ser pensado, propõe ela, a partir de Pêcheux (1997b), Derrida (2001) e Colombo (1991), em seu processo de estruturação, em sua dimensão política, afetado pelas delimitações institucionais e pela subjetividade dos que atuam em sua gestão e organização, o que produz novos gestos de leitura do/sobre os arquivos.

O quinto capítulo traz breves considerações sobre o espaço MLP, momento em que a autora busca marcar, mais uma vez, que o objetivo da

pesquisa é a investigação dos discursos nas exposições do museu e, também, o estabelecimento das possíveis relações entre a AD e a CI. O leitor encontra, nesse capítulo, a abordagem de um recorte maior do *corpus*: a autora dedica sua atenção a duas exposições realizadas no MLP – “Grande Sertão: Veredas” e “Clarice Lispector – a hora da estrela” – e discute a noção de acontecimento discursivo, a partir de Pêcheux (2002). Essa seção apresenta, ainda, a metodologia utilizada na pesquisa, uma oportunidade para o leitor conhecer e/ou aprofundar o modo de investigação científica em AD. Por meio de movimentos heterogêneos e polissêmicos o arquivo é acessado, formado e lido pelos diferentes sujeitos, enfatiza Romão. Assim, na consulta de um determinado arquivo – seja sobre Clarice, Guimarães ou um dos outros literatos –, o sujeito-leitor pode encontrar não uma versão definitiva, mas a emergência de um possível arquivo, já que uma exposição organizada em outro lugar, por outras pessoas, com outros documentos, materiais e discursos resultaria em outros arquivos possíveis.

Com a proposta de “Abertura para outros movimentos”, Romão finaliza essa obra, cuja leitura nos instiga fortemente, enquanto pesquisadores, a ver com outras lentes não apenas a configuração de um museu (instituição) e de uma exposição (informação), mas, sobretudo, o funcionamento da língua, do sujeito, do arquivo, da memória, do acontecimento... promovendo a abertura para se pensar, em especial a língua e o sujeito, no campo das incertezas e das imprecisões. Nessa esteira, *Exposição do Museu da Língua Portuguesa: arquivo e acontecimento e(m) discurso* é um trabalho de referência, fruto de uma profunda investigação teórico-analítica que expõe questões fundamentais para o analista do discurso, para o profissional da informação, enfim, para os que estão abertos para observar os desarranjos, os “movimentos constantes na paisagem do dizer” (p. 223) literário ou não.

## Referências

COLOMBO, F. *Os arquivos imperfeitos* – memória social e cultural eletrônica. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, E.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. p. 49-59.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.